

“É isso aí: retratos da adolescência” – refletindo e fazendo um videodocumentário sobre adolescentes de Curitiba e Região Metropolitana¹

Diego Henrique da SILVA²
Julius NUNES³
Universidade Positivo, Curitiba, PR

RESUMO

Fazer e refletir sobre o que se faz. Esta é proposta do presente trabalho, que visa compartilhar as experiências de produção do videodocumentário “É isso aí: retratos da adolescência”. A proximidade do adolescente com os gêneros audiovisuais, a representação do adolescente na mídia e no cinema e a capacidade do videodocumentário no incentivo à reflexão sobre temáticas importantes, são alguns dos principais temas discutidos. Para melhor compreensão do que se fala no decorrer do *paper*, recomenda-se assistir à íntegra do vídeo, disponível em <http://vimeo.com/31380670>

PALAVRAS-CHAVE: cinema; videodocumentário; adolescentes; juventude; comunicação regional.

1. TEMA

1.1 A relação do adolescente e do jovem com os gêneros audiovisuais

A familiaridade das juventudes com gêneros audiovisuais é bastante perceptível se forem observados alguns indicadores como, por exemplo, a presença de diversos canais⁴ de televisão (abertos ou pagos) com conteúdos produzidos especificamente para esse público. Além disso, parte expressiva dos usuários que possuem conta no Youtube (*site* que abriga vídeos de pessoas do mundo todo) são adolescentes ou jovens, representando 38% de seus integrantes (CARDOSO, 2008).

Seriados, filmes e programas musicais são alguns exemplos de produções que possuem forte apelo perante o público juvenil quando o meio utilizado é a televisão; na internet existe uma chance maior desse leque se abrir. O jornalista Guilherme Rezende

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação Audiovisual (DT 4), da Intercom Júnior – VII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante recém-formado em comunicação social – jornalismo pela Universidade Positivo, email: edieghenrique@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Positivo, email: juliusnunes@gmail.com

⁴ MTV Brasil, Play TV e Mix TV são exemplos de emissoras de sinal aberto; Multishow, Nickelodean e VH1 são exemplos de emissoras de TV por assinatura.

afirma que o vídeo cativa o telespectador por utilizar uma linguagem em que prevalece a emoção: “na comunicação audiovisual, portanto, registra-se o predomínio da sensação sobre a consciência, dos valores emocionais sobre os racionais.” (ZADONADE e FAGUNDES *apud* REZENDE, 2003, p.40)

O videodocumentário “É isso aí: retratos da adolescência” surge num cenário bastante favorável à aceitação do público jovem, que tem se mostrado bastante ligado à internet, à formação de redes sociais na vida real e na virtual, além de consumirem bastante vídeos (seja pela web, pela TV ou cinema). O processo de produção do documentário aqui defendido também pega carona num momento especial, que podemos chamar de “onda adolescente no cinema brasileiro”, com a chegada às telas de filmes de ficção voltados para o público adolescente e jovem. Entre seus maiores expoentes, podemos citar os seguintes longas: *Antes que o mundo acabe* (2010), *As melhores coisas do mundo* (2010), *Os famosos e os duendes da morte* (2010), *5x favela: agora por nós mesmos* (2010), *Sonhos roubados* (2010), *Vida sobre rodas* (2011) e *Desenrola* (2011).

Partindo de uma perspectiva de concorrência comercial, isso poderia ser visto como algo ruim. Entretanto, a equipe produtora do videodocumentário compreende esse *boom* cinematográfico *teen* como sendo positivo, tanto pelo crescimento quali-quantitativo da cinematografia brasileira para adolescentes, quanto pela oportunidade de oferecer alternativas às produções estrangeiras, como as sagas *Crepúsculo* e *Harry Potter* ou documentários como *Never Say Never*. A respeito desse fenômeno, a jornalista Doris Miranda defende que o Brasil passou a ficar mais atento ao público juvenil recentemente:

Depois de ver a juventude americana representada de todos os jeitos em filmes de Hollywood, os teens brasileiros começam a se enxergar na telona. Porque não há como negar que o cinema nacional, finalmente, descobriu que tem assuntos para tratar com essa galera. (MIRANDA, 2011)

Portanto, também há de se aproveitar essa onda *teen* no cinema e a proximidade desse público com os gêneros audiovisuais (filmes, videoclipes, séries de TV etc.) para contribuir na geração de reflexão acerca de suas próprias vidas, não apenas nas produções de ficção, mas também através dos vídeos de caráter informativo e/ ou documental, que possuem a realidade como carro-chefe.

1.2 O gênero documentário como potencial gerador de reflexão

Filmes de ficção são capazes de transmitir valores e discutir temáticas interessantes com seus espectadores tanto quanto videodocumentários. Entretanto, são nos relatos de vidas e situações reais que surge a potencialidade de sentir e receber as histórias de forma mais impactante, uma vez que a pessoa que assiste ao videodocumentário sabe claramente que aqueles personagens e acontecimentos coexistem [ou coexistiram], de alguma forma, com a sua própria existência no planeta.

A produção documental, assim como a produção jornalística em geral, acaba sendo mediada por pessoas, que também tem seus interesses pessoais e ideologias próprias. Cabe, portanto, ao videodocumentarista ser comprometido eticamente em olhar o mundo, gerar suas produções com recortes plurais e apresentar à sociedade resultados capazes de gerar transformações. Na produção cinematográfica, sobretudo documental, isso também se faz necessário:

O compromisso do comunicador envolve observação e reflexão de mundo, de modo que, percebendo-o, possa expressá-lo. Não lhe cabe, portanto, somente a função técnica, mas a função social de comprometer-se com o mundo, de reconhecer que sua autoria responsável deve ser fruto do diálogo social, de sua cumplicidade/ solidariedade com o público – os outros seres humanos. (BRUM e IJUIM *in* PERUZZO e SILVA, p. 36, 2003)

O videodocumentário possui em si uma capacidade estrondosa de instigar reflexões em quem o assiste, dadas as suas peculiaridades de linguagem, abordagem, narrativa e estética. Se formos transpor essa realidade para o universo do público juvenil, a responsabilidade se torna muito maior. As juventudes vivem num momento histórico em que os impedimentos físicos estão cada vez mais sendo rompidos através das possibilidades trazidas pelo mundo digital. Nesse sentido, a cognição das pessoas, sobretudo de adolescentes e jovens, está cada vez mais sendo influenciada pela maneira de agir quando estão na internet. O hipertexto acaba atingindo níveis colossais, levando muitos internautas a serem saturados por conteúdos, a terem dificuldades de concentração e, dentre outras coisas, de não conseguirem se adaptar a qualquer tipo de narrativa linear, uma vez que estão sempre trocando de uma coisa para outra.

Contudo, o videodocumentário se mostra uma boa alternativa para contribuir com a geração de reflexão para, sobre e com as juventudes, por proporcionar contemplação e debate. As jornalistas Vanessa Zandonade e Maria Cristina Fagundes vão além e afirmam

que, além do potencial gerador de reflexão, o documentário também acaba contribuindo com a formação do grupo retratado e da equipe de produção do vídeo:

O documentário deve promover a integração entre os membros da comunidade retratada e desenvolver a cooperação entre eles, de forma a enriquecer os conhecimentos individuais e coletivos. Possibilita ainda ao jornalista especializado no gênero, a oportunidade de dedicar-se aos fatos do cotidiano, os quais envolvem todos os tipos de pessoas, independente da raça, cor, religião, ou posição social que exercem e não considerar os “furos” de reportagem como prioridade de produção. (ZANDONADE e FAGUNDES, p. 41, 2003)

O senso comum pode bradar que videodocumentários jamais serão capazes de serem aceitos pelo público juvenil, porém, há indicadores de que isso não é uma verdade absoluta. O documentário *Pro dia nascer feliz*, de João Jardim, é um grande exemplo disso. “(...) em 2002, bateu recordes de público no gênero. Através de uma investigação do relacionamento do adolescente com a escola - ambiente fundamental em sua formação - o diretor traz à tona, além de questões comuns a qualquer adolescente dentro do ambiente escolar, questões como a desigualdade social e o impacto da banalização da violência no desenvolvimento de muitos desses jovens” (GLOBO FILMES, 2002). Além disso, com o decorrer do tempo, esse documentário chegou a ganhar 9 relevantes prêmios, indicando a sua força expressiva perante o público e a crítica.

Um desafio particular afeta a produção de “É isso aí: retratos da adolescência”, uma vez que busca retratar histórias de jovens, público que costuma não despender seu tempo para assistir coisas que lhes sejam desinteressantes. Cabe aos documentaristas, no entanto, saírem do discurso vazio e buscarem pôr em prática projetos audiovisuais para adolescentes, estando atentos às particularidades de produção capazes de cativar esse público jovem.

1.3 Colocando a teoria em prática: os desafios em fazer o videodocumentário

O painel apresentado até este trecho do trabalho, teve a intenção de lançar bases para compreender um pouco sobre a importância da produção audiovisual para adolescentes e jovens. Entretanto, para ilustrar um pouco do caráter desafiador dessa prática, sobretudo no que diz respeito à produção de videodocumentário para tais públicos, passaremos a expor, a partir daqui, como foi o processo de realização de “É isso aí: retratos da adolescência”, quais as suas contribuições para com o cinema paranaense e quais as reflexões acadêmicas que podem ser geradas a partir de sua construção.

No primeiro semestre de 2011, o professor da disciplina “Jornalismo Especializado: Cinema”, Julius Nunes (orientador deste trabalho), lançou a proposta de fazer um documentário de curta-metragem com tema livre, isso, é claro, após diversas aulas sobre produção, análises de documentários de diferentes gêneros e de reflexões acerca dos processos de produção audiovisual. A turma foi dividida em equipes de quatro e três alunos para produzirem seus vídeos. A cada semana, os alunos deveriam debater com o professor e/ou com outros grupos, sobre o andamento da produção (como estava o roteiro, a pesquisa, a escolha de personagens, o cronograma etc.). A equipe da qual fiz parte decidiu lidar com o público *teen*, visando contribuir para enriquecer a cinematografia voltada para esse público, sobretudo no que diz respeito ao registro de histórias locais - Curitiba e Região Metropolitana.

Inicialmente, foi realizada uma pesquisa temática para se ter uma noção conjuntural da adolescência. Sendo assim, foram analisados dados: a) de relatórios da Fundação das Nações Unidas sobre a adolescência no mundo; b) do Unicef Brasil, sobre a situação da adolescência no país; c) de entrevistas publicadas na imprensa, com pessoas que lidam com produtos audiovisuais para a juventude como Serginho Groisman, por exemplo; d) estatísticas sobre a violência brasileira e o seu caráter de extermínio em relação à juventude, como mostra, por exemplo, o Mapa da Violência 2011; e) estudos diversos que tratam da relação das juventudes com as novas tecnologias, com o meio ambiente, com a educação, saúde, drogas e com a sua rede de amigos na web e no mundo real; f) estudos conceituais sobre a adolescência enquanto fase de desenvolvimento corporal/ físico e psicológico; g) análise de filmes de ficção e documentários voltados para adolescentes.

Com base nessas pesquisas, pôde-se colher um rico material capaz de: a) contribuir para com o jeito da equipe lidar com o tema, b) com a visualização de um panorama amplo e denso da adolescência em seus diversos aspectos, c) com o tratamento dos entrevistados, d) com o uso adequado das palavras e linguagens, e) com o ritmo de edição do material e f) com a preocupação em relação à estética, captação de imagens e direção de fotografia. Foi nessa etapa, também, que nos preocupamos com um apontamento de Sérgio Puccini, de que, nas fases de planejamento, ainda não se é possível saber ao certo onde o videodocumentário vai parar, porém pode-se apenas traçar o que a equipe deseja:

Por ser um formato aberto, que está sempre sujeito a interferências advindas do ambiente externo, o documentário é um gênero que exige bastante preparo para sua realização. Ao iniciar um projeto, o documentarista deve ter em mente todas as possíveis reviravoltas do filme que ocorrem no período de filmagem e se preparar para isso. O período de

pesquisa, se bem conduzido e aprofundado, ajuda ao documentarista a ter noção precisa da validade de seu projeto mesmo que, no decorrer do filme, este sofra alterações que não foram previstas na pré-produção. (PUCCINI, 2009)

Na fase de produção propriamente dita, com a captação de imagens e de entrevistas, foi buscado gravar as conversas em diversos planos, de modo que a cada quatro perguntas, em média, o enquadramento do vídeo fosse mudado. Isso contribuiu para dinamizar o videodocumentário durante o processo de edição, atitude que vem de encontro a um alerta dado por Barry Hampe:

As entrevistas são partes importantes dos documentários, mas, se não tomar cuidado, elas podem torná-los terrivelmente obtusos e maçantes. Uma pessoa falando pode dizer apenas de cem a duzentas palavras por minuto. Mas nesse mesmo minuto, você pode mostrar seis ou dez imagens diferentes. (HAMPE, 1997).

Tal cuidado com as entrevistas e com a plasticidade das imagens foi imprescindível para a criação de um documentário que não fosse chato de assistir, nem monótono. Dessa forma, o processo de estruturação e encadeamento dos depoimentos se mostrou como fundamental. Foi possível, por exemplo, mostrar as contradições na fala da personagem Angela que se dizia como dona de um comportamento um tanto quanto “piaçã” mas, ao mesmo tempo, gosta de fazer chapinha no cabelo e pinta as unhas três vezes por semana. Outro exemplo de cuidado com a estrutura foi o entrelaçamento dos ambíguos depoimentos acerca da morte, segundo as visões dos personagens Alexandre e Diego. O primeiro trata o assunto com indiferença, por trabalhar com a cobertura jornalística policial e noticiar mortes de forma corriqueira; o outro comenta o assunto com tristeza, por já ter perdido seus pais, um de seus irmãos e alguns amigos. Citando mais um exemplo, o simbolismo de inserção de algumas imagens durante a fala dos entrevistados também tem seu valor. Enquanto o adolescente Diego admite já ter realizado pichações e que agora é convidado para fazer grafitti em muros de escola e de alguns terrenos, aparece a imagem desse jovem pintando um muro, onde sua arte se sobrepõe a uma pichação pré-existente. Barry Hampe explica que essas sutilezas precisam existir, dadas as peculiaridades dos gêneros documentais:

Um documentário normalmente não tem a estrutura comum dos filmes de ficção, com pontos de virada (plot points), barreiras, e outros elementos estruturais com o intuito de avançar a trama. Mas um documentário tem a mesma necessidade estrutural, que é manter o público interessado, do início ao fim do filme. (HAMPE, 1997)

Apesar dos desafios em manter um ritmo atraente, fazer belas composições, selecionar falas impactantes, acredita-se que a criatividade na utilização dos recursos de edição foi bastante aproveitada. Quando a fala da menina Thaislaine, que perdeu todo o cabelo por causa de uma doença, termina e logo em seguida começa a entrevista com Angela (de cabelos longos, usando chapinha) há uma instigação à reflexão e a uma leitura mais profunda do documentário. Outro exemplo como esse é a transição da fala do jovem Diego, que afirma viver com a ajuda material de irmãos e de vizinhos, sendo sucedida por imagens de uma família de classe média que come reunida em uma mesa com várias opções de alimento. Esse tipo de estruturação do documentário foi possível, sobretudo, pela hibridização de dois gêneros de documentários, expressos por Bill Nichols como poético e reflexivo. O modo poético influencia no que diz respeito à preocupação com a estética artística e visual (NICHOLS, 2005, p. 141). Já o modo reflexivo fica exposto ao deixar clara a realização dos documentaristas com o grupo retratado, sem câmeras escondidas ou distanciamento para realização de filmagens (*idem*, 2005, p. 163).

Existe, contudo, uma preocupação com a proposta de soluções e /ou de lançar perspectivas para o futuro desses adolescentes paranaenses. Através das falas dos próprios personagens, fica evidente, no videodocumentário, a sua função social de ir além de apontar problemas e gerar um debate que não traga sugestões e apontamentos de saída. Com base na educação, na preocupação com o futuro da vida profissional, saída do mundo das drogas, sonhos singelos ou ambiciosos, desejo de cura, entre outros, torna-se mais transparente o desejo de construir um vídeo para ser ferramenta de auxílio à descoberta de novos horizontes.

Todas essas contribuições se solidificam ainda mais quando realizada com princípios éticos, seja na construção narrativa, no trato com as informações colhidas ou no compromisso de gerar um produto para somar pontos perante a sociedade.

1.4 O exercício da ética e do caráter com o videodocumentário

A busca pela ética foi constante, em todos os processos de produção de “É isso aí: retratos da adolescência”, sobretudo, por explorar imagens, depoimentos e histórias de sujeitos de direitos, conforme explicita o Estatuto da Criança e do Adolescente. Segundo André Bonotto, é na ética que se encontra o poder de credibilidade e de força narrativa de um documentário:

A sensação de tempo e espaço é “dada pelo próprio mundo”, através de um transcorrer da presença da câmera e cineasta em algum lugar e momento específicos. Essas possibilidades “tornam mais ‘aguda’ a questão ética”, já que uma aproximação muito grande com os outros indivíduos torna importante a atenção quanto ao tipo de relação com eles. O cineasta “escuta e observa o que as pessoas fazem e dizem, e reage a isso no momento”. E “a partir desse encontro surge a ética, a estética, e o poder do documentário”. (BONOTTO, 2009)

Baseando-se no papel colaborativo que a equipe do documentário percebe que possui perante a formação intelectual e sócio-cultural do(a) adolescente, diversos cuidados foram tomados nas decisões acerca da conduta de construção do vídeo, como, por exemplo:

- a) a opção por entrevistar um ex-usuário de drogas que fosse maior de 18 anos, buscando preservar qualquer adolescente (de 11 a 18) que estivesse vivenciando essa prática, bem como minimizar o impacto da exposição desse jovem;
- b) rejeição a qualquer espetacularização da pobreza;
- c) ausência de pressionamento a entrevistados, inclusive à menina que decide mostrar que não tem cabelo;
- d) autorização, por parte dos pais e dos entrevistados adolescentes, de uso de voz e imagem, deixando os personagens e seus familiares cientes do que seria tratado e quais as formas de divulgação do vídeo;
- e) uso de trilha sonora de modo a não ferir os direitos autorais de artistas e/ou bandas, com músicas instrumentais disponibilizadas para utilização sem fins comerciais.

2. JUSTIFICATIVA

2.1 O desafio de propor um videodocumentário para e sobre adolescentes curitibanos

Como é que a equipe de “É isso aí: retratos da adolescência”, em meio a tantas produções cinematográficas existentes, poderia contribuir com um vídeo novo, atraente e rico em conteúdo? Foi pensando nessa e em outras questões que se lapidaram elementos capazes de justificar a existência de um videodocumentário sobre, para e com adolescentes.

O primeiro pilar de sustentação é a possibilidade de contribuir com uma boa representação do adolescente na mídia. Com isso, é possível combater a construção de visões estereotipadas acerca das juventudes, como seres que só usam drogas, não se importam com o seu próprio futuro e que são facilmente manipulados pela internet e meios de comunicação em geral. A inserção do adolescente em registros audiovisuais não é prática que deve ser menosprezada. A diretora do filme *Desenrola*, Rosane Svartman, conta que, mesmo durante o processo de criar um filme de ficção, foi importante ter se esforçado

para que os adolescentes se sentissem representados: “(...) foi uma coisa que a gente buscou no *Desenrola*: o desejo das pessoas viverem aquela história, de conversarem com a Priscila, e se identificarem com os anseios daqueles personagens”. (SVARTMAN *in* DESENROLA, 2010)

A diretora do filme *As melhores coisas do mundo*, Laís Bodanzky, também se deparou com a necessidade de envolver fortemente o público do filme – esse mesmo anseio foi buscado em “É isso aí: retratos da adolescência” –, e enfatizou que certos dilemas juvenis são comuns a praticamente todas as gerações, mesmo que o tempo passe e certos hábitos mudem:

E um mundo surpreendente se revelou para nós. De um lado foi uma surpresa perceber que a adolescência deles não é diferente da nossa, nem da dos meus pais. Essa fase da vida em que a infância fica para trás, você tem que descobrir quem você é e assumir as conseqüências dos seus atos. É uma fase de muita dor. Dá muita solidão, muita insegurança, mas ao mesmo tempo são novas descobertas que fazem a vida ter um brilho diferente. Isso é atemporal e universal. (BODANZKY *in* FERREIRA, 2010)

Pensando nessa representação do adolescente, optou-se por não recorrer a entrevistas com especialistas ou outros adultos, reforçando o foco na atuação juvenil. Sendo assim, praticamente todos os personagens de “É isso aí: retratos da adolescência” são formados por adolescentes de até 18 anos. O jovem Diego, de 21 anos, é o único que não se encaixa na definição de adolescente que, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente, termina aos 18 anos completos.

Um segundo fundamento que se coloca como relevante para justificar a existência de “É isso aí: retratos da adolescência” é o fortalecimento da produção audiovisual regional. O Brasil precisa ter uma cinematografia capaz de retratá-lo como um todo. Entretanto, também precisa compor um mosaico de representações regionais e locais. Nesse sentido, além de ser berço de recortes amplos, necessita abrigar registros audiovisuais que contemplem a riqueza cultural de seu povo, com abordagens mais locais.

A regionalização da comunicação, num mundo em que a comunicação de massa é tão exaltada, se torna desafio estratégico para as cidades e pequenos grupos sociais. Dentre os artigos do livro ‘Cidade, Comunicação e Desenvolvimento Local’, o texto de Luiz Roberto Alves pontua a relevância da produção em comunicação como fator de representação de populações locais e regionais na mídia e o seu reflexo no desenvolvimento desses lugares:

Projetada para o novo momento, o nosso trabalho [enquanto comunicadores] consiste em explicitar nossos fins substantivos acerca dos significados do trato da informação para as comunidades locais,(...) articulada à sistematização e veiculação da informação e também explicitar os vínculos com o desenvolvimento econômico das cidades e regiões (ALVES *in* PERUZZO e ALMEIDA, 2003, p. 209).

Isso – a produção de conteúdo cinematográfico regional – é um dos diferenciais do videodocumentário. O que se quer é investir no potencial local, retratando um pouco da diversidade juvenil daqui que, muitas vezes, pode ser tida como sufocada por vídeos nacionais ou muito abrangentes, por darem pouco ou nenhum espaço à representação cultural de determinados lugares. “É isso aí: retratos da adolescência” é composto, portanto, de entrevistas com adolescentes de Curitiba e Região Metropolitana.

Outro ponto a ser ressaltado é a preocupação em tornar as experiências e histórias do vídeo acessíveis às pessoas. Esse processo de democratização dos conteúdos do documentário tem potencial de tomar grandes proporções, dado às novas possibilidades de compartilhamento de conteúdos através da internet e de outros esforços coletivos. Essa prática de difusão dos saberes e produções que envolvem “É isso aí: retratos da adolescência” já tem resultados e, ao mesmo tempo, está em fase de desenvolvimento, uma vez que já foi disponibilizado no *site* Vimeo e exibido em um evento acadêmico mas ainda terá suas práticas de produção compartilhada em eventos científicos, além de ser enviado para ONGs e entidades usarem-no como subsídio para debate e em oficinas de educomunicação.

Para compreender em detalhes qual metodologia será/ está sendo utilizada para levar o documentário além das fronteiras da universidade, é preciso conferir o capítulo Método, especificamente no item 4.3, na página 12 deste trabalho.

3. OBJETIVOS

Para não perder o foco, foram traçadas metas a serem seguidas para que o videodocumentário desse certo. Buscando nortear os processos de produção, foram estabelecidos objetivos gerais e específicos. A seguir, é possível conferir os objetivos desse projeto audiovisual.

3.1 Objetivo geral

Produzir um videodocumentário alternativo capaz de contribuir positivamente com a representação multicultural e social, na mídia, do(a) adolescente de Curitiba e região metropolitana, dando-lhes espaço para discutir questões de relevância social acerca do universo que os rodeia nessa fase da vida. O vídeo, então, serve especialmente para ser um recorte da pluralidade da adolescência, de seus anseios, aspirações, desejos e dúvidas.

3.2 Objetivos específicos

- Fornecer um videodocumentário com qualidade técnica estética e de conteúdo;
- Discutir grandes questões sociais (saúde, educação, entrada no mundo do trabalho etc.) de forma encadeada, visando mostrar a interdependência desses assuntos;
- Valorizar os dilemas das juventudes, sobretudo, em relação aos adolescentes paranaenses;
- Enriquecer a cinematografia regional para adolescentes e jovens;
- Instigar os adolescentes a terem um posicionamento mais crítico e inteligente em relação às sutilezas que podem ser proporcionadas pela linguagem audiovisual, não subestimando a sua capacidade de fazer conexões e pensar com o vídeo;
- Contribuir para a não estereotipar as juventudes nem aliená-las quanto à existência das diferenças econômicas e sociais;
- Prezar por um conteúdo e por um visual que sejam atrativos, cuidando da plasticidade e tornando-os interessantes para quem o assiste;
- Aguçar a experimentação da equipe em produção cinematográfica, fazendo com que a realização do documentário possa servir como instrumento de formação jornalística dos membros da equipe;
- Compartilhar as experiências do processo de produção por meio de artigos científicos e de sua apresentação em eventos de caráter científico, ajudando a fazer o vídeo dar frutos além dos limites da universidade;
- Incentivar a divulgação do videodocumentário, visando compartilhar as histórias retratadas, auxiliando ONGs, entidades de defesa dos direitos da criança e do adolescente, universidades, cineclubes etc.;
- Instigar com que o documentário seja utilizado em oficinas de educomunicação, encontros, rodas de debate etc.;
- Disponibilizar o conteúdo integral do vídeo no site Vimeo, facilitando com que possa convergir com outras mídias (redes sociais, blogs, *sites* etc.).

4. MÉTODO

Para uma maior compreensão da metodologia utilizada no processo de produção do videodocumentário, decidiu-se expor tais explicações em três núcleos didáticos: pré-produção, produção e pós-produção, que estão expostos a seguir.

4.1 Pré-produção

É compreendida aqui como sendo as ações que devem anteceder as gravações do videodocumentário. Tal momento seguiu os requisitos básicos para a produção em cinema documental, que podemos classificar como: a) ideia inicial, b) debates e reuniões em equipe para lapidação da ideia, c) realização de pesquisas sobre a macro-temática “adolescentes”, d) análise e visualização crítica e empírica de vários filmes de ficção e documentais, que tratam da adolescência e das juventudes (Antes que o mundo acabe, As melhores coisas do mundo, Desenrola, 5x favela, Pro dia nascer feliz, Artigo 1º, Vida sobre rodas), dos curtas-metragem SMS (RBS TV), Sonho Brasileiro e *We All Want To Be Young* e de séries de TV como Online (RBS TV) e Confissões de Adolescente (TV Cultura); e) criação de um plano de ação e cronograma de trabalho, f) debate para a definição de personagens, g) criação de argumento, h) definição da abordagem, linguagem e gênero, i) criação de sinopse, j) elaboração de perguntas para os adolescentes a serem entrevistados, k) redação e impressão de termos de autorização para uso de imagem e voz.

4.2 Produção

Está ligada, sobretudo, aos diversos processos convencionais da captação de imagens, gravação de entrevistas e coleta de materiais necessários para compor o videodocumentário. Nesse sentido, foram seguidos estes passos: a) diálogos individuais com os adolescentes e seus pais ou responsáveis para explicação da proposta do documentário, b) definição de datas e locais para a realização das entrevistas, c) gravação das entrevistas em diversos enquadramentos, d) captação de imagens adicionais e complementares, e) escolha da trilha sonora do documentário, f) formalização documental em relação à autorização dos pais para uso de voz e imagem dos adolescentes.

4.3 Pós-produção

Refere-se aos processos de edição, finalização e democratização do acesso ao produto final. Sendo assim, essa fase contou com: a) organização dos arquivos audiovisuais

captados, b) realização de decupagem, visando deixar às claras toda a riqueza do material captado, c) seleção dos melhores depoimentos, frases impactantes e imagens mais estratégicas, bem como criação de roteiro/ escaleta, d) início da edição técnica, com uso do *software Adobe Première*, e) reuniões de orientação com o professor, visando sempre deixá-lo à par do processo, sanar dúvidas e obter dicas, f) debates com integrantes da equipe para discussão de possibilidades de mudança no roteiro/ estrutura do vídeo, g) discussão sobre conceito visual, fontes/ GCs a serem utilizados e ritmo de edição, h) finalização da edição com inclusão de trilha sonora e edição de som, i) criação/ diagramação de capa para o DVD.

A seguir, constam as práticas realizadas para tornar o fruto dessa produção audiovisual mais acessível para a sociedade: j) inclusão da exibição do vídeo na programação da Semana Acadêmica de Jornalismo da Universidade Positivo, k) disponibilização do vídeo para visualização *online* e/ ou *download*, através do *site* Vimeo, l) inscrição do vídeo no Festival Visões Periféricas, m) preparação de artigo científico para apresentação das experiências de produção e resultados do videodocumentário no Intercom Júnior 2012, n) inscrição do vídeo no 17º Prêmio Sangue Novo no Jornalismo Paranaense, uma vez que, caso ele chegue a ser finalista, será incluído num banco de produções acadêmicas que pode ser solicitado e exposto/ exibido por outras universidades paranaenses, o) envio de link e/ ou de cópias do documentário para ONGs e entidades que trabalhem com adolescentes, visando fornecer subsídio audiovisual para discussões, acervos de bibliotecas e oficinas de educomunicação; p) divulgação da existência do videodocumentário através de blog e redes sociais dos integrantes da equipe.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O videodocumentário é apenas uma das inúmeras possibilidades de leitura da vida de adolescentes paranaenses; outras leituras podem existir e certamente existem. Entretanto, uma das intenções deste trabalho foi produzir um conteúdo de caráter jornalístico para um público que é carente desse tipo de formato. Com isso, “É isso aí: retratos da adolescência” acaba, dentre outras coisas, por auxiliar no processo de formação de novos espectadores para videodocumentários.

A formação de um público adolescente e jovem que se interesse por assistir videodocumentários é processo complexo e depende de uma produção quantitativa e

qualitativa cada vez maior. Nesse sentido, “É isso aí: retratos da Adolescência” é uma nova contribuição que contribui nessa construção de público. A própria iniciativa, descrita neste trabalho, de compartilhar as experiências de produção de um videodocumentário para esse público, já pode ser compreendida como um forma de incentivar novas produções em âmbito regional, além de fomentar discussões, reflexões e contribuir com a bibliografia e pesquisa nesta área.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Luiz Roberto. Cidade, comunicação e desenvolvimento local *in* PERUZZO, Cecília M. Krohling; ALMEIDA, Fernando Ferreira de (org.). **Comunicação para a Cidadania**. São Paulo: INTERCOM; Salvador: UNEB, 2003.

BONOTTO, André. **Bill Nichols fala sobre documentário: vozes e reconstituições**. Disponível em <http://www.doc.ubi.pt/06/entrevista_andre_bonotto.pdf>. Acesso em 09 out. 2011, às 21h32.

BRUM, Eron; IJUIM, Jorge Kanehide. Ensinar Jornalismo... ou aprender jornalismo? *in* PERUZZO, Cecília M. Krohling; SILVA, Robson Bastos da (org.). **Retrato do Ensino em Comunicação no Brasil: análises e tendências**. São Paulo: INTERCOM, Taubaté: UNITAU, 2003.

CARDOSO, Carlos. **Quem diria: maior parte dos usuários do Youtube tem mais de 35 anos** *in* MEIO BIT. Disponível em <<http://meiobit.com/19857/quem-diria-maior-parte-dos-usuarios-do-youtube-tem-mais-de-3/>>. Acesso em 15 out. 2011, às 20h37.

DESENROLA. **Press Book Desenrola**. Entrevista publicada em material de divulgação online do filme Desenrola *in* SVARTMAN, Rosane. Disponível em <<http://www.desenrolaofilme.com.br/downloads/pressbook.pdf>>. Acesso em 08 out. 2011, às 20h34.

FERREIRA, Anna Rachel. **O mundo adolescente nos cinemas**. Entrevista publicada no site BRAVO! *in* BODANZKY, Laís em mai. 2010. Disponível em <<http://bravonline.abril.com.br/materia/mundo-adolescente-cinemas#image=as-melhores-coisas-do-mundo>>. Acesso em 08 out. 2011, às 22h47.

HAMPE, Barry. Trad. Roberto Braga. **Escrevendo um documentário**. New York: Henry Holt and Company, 1997. Disponível em

<<http://www.rc.unesp.br/igce/planejamento/nuppag1/Escrevendo%20um%20documentario.pdf>>. Acesso em 09 out. 2011, às 19h44.

MIRANDA, Doris. **Cinema brasileiro aposta em filmes pensados para os adolescentes**. Reportagem publicada em 24 jan. 2011, na edição online do Jornal Correio. Disponível em <<http://www.correio24horas.com.br/noticias/detalhes/detalhes-2/artigo/cinema-brasileiro-aposta-em-filmes-pensados-para-os-adolescentes/>>. Acesso em 01 out. 2011, às 23h11.

NICHOLS, Bill; Trad. Mônica Saddy Martins. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papirus, 2005.

PUCCINI, Sérgio. **Introdução ao roteiro de documentário**. Disponível em <http://www.doc.ubi.pt/06/artigo_sergio_puccini.pdf>. Acesso em 09 out. 2011, às 21h11.

ZADONADE, Vanessa; FAGUNDES, Maria Cristina de Jesus. **O vídeo documentário como instrumento de mobilização social**. Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, do Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis/ Fundação Educacional do Município de Assis para obtenção do grau de bacharel em Jornalismo, 2003. Disponível em <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:http://www.bocc.uff.br/pag/zandonade-vanessa-video-documentario.pdf>>. Acesso em 02 out. 2011, às 16h25.